

Caracterização da clientela do Grupo Escolar “Padre Anchieta”: um olhar sobre as práticas escolares (1934-1976)

Clientele the characterization of the School Group “Padre Anchieta”: a look at the school practices (1934-1976)

Adriana Aparecida Alves da Silva Pereira*

Wilson Sandano**

* Doutora pela Univesidade de Sorocaba (UNISO).

E-mail: xx.dri@bol.com.br

** Doutor pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). nivesidade de Sorocaba (UNISO).

E-mail: wilson.sandano@prof.uniso.br

Resumo

Este trabalho apresenta a caracterização do corpo discente do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, enfatizando a faixa etária, nacionalidade, gênero e a que segmentos sociais pertenciam. Busca compreender as mudanças nas práticas que compõem as “culturas escolares”, após o ingresso dos alunos japoneses, no período de 1934, ano de início de funcionamento do grupo escolar, a 1976, ano da última turma matriculada, antes da reorganização das escolas, devido à Lei de Diretrizes e Bases 5692/1971. Foram utilizadas diversas fontes, escritas, orais e iconográficas. A análise evidenciou a reorganização das práticas escolares, norteadas por noções morais, cívicas e patrióticas, tendo em vista a intenção nacionalizadora e homogeneizadora junto ao estrangeiro.

Palavras-chave

Grupo escolar. Cultura escolar. Pilar do Sul.

Abstrat

This work presents the characterization of the student body of the School Group “Padre Anchieta”, emphasizing the age, nationality, gender and social groups to which they belonged. Seeks to understand the changes in practice that make up the “school culture” after the entry of Japanese students in the 1934 period, year-on operation of the school group in 1976, the last registered group, before the reorganization of schools, because Law of Directives and Bases 5692/1971. Used were several sources, written, oral and iconographic. The analysis revealed the reorganization of school practices, guided by moral, civic and patriotic ideas, with a view to nationalizing and homogenizing intention by the foreigner.

Key words

School group. School culture. Pilar do Sul.

1 Introdução

Pilar do Sul é uma pequena cidade do interior de São Paulo, com a economia baseada na produção e comercialização agrícola. Sua origem e o início do seu processo de desenvolvimento foi marcado pelo transitar dos tropeiros, mineiros e a presença da imigração japonesa.

Os imigrantes japoneses chegaram a Pilar do Sul em 1945, vindos de outras regiões do Estado, com interesse em comprar suas próprias terras, depois de anos de economia no orçamento doméstico. Compraram vastas extensões de terra, constituindo em Pilar do Sul as colônias “Sertão”, “Barra”, “Bandeirantes”, “Sul Brasil” e “Tozan”. Introduziram na região o cultivo de novos produtos agrícolas, como o tomate, a uva Itália e novas formas de produção e comercialização por meio das cooperativas agrícolas, o que contribuiu para o crescimento econômico da cidade.

A presença dos imigrantes japoneses em Pilar do Sul trouxe novos modos de viver e pensar que foram recebidos ora com euforia, ora com estranhamento, resistência e até revolta. Esses conflitos modificaram o campo social, pois alteraram as relações, as práticas e o cotidiano da cidade como um todo.

Para analisar esses conflitos e mudanças, é necessário compreender que os campos são espaços de lutas e conflitos, mantendo ou modificando interesses que lhes são constitutivos. Não são espaços rígidos, mas espaços que se relacionam e se sobrepõem, sem perde-

rem sua autonomia. Segundo Bourdieu (2002, p. 129), o campo é delimitado pelos valores e formas de capital que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Os campos são produto da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam.

O campo escolar dessa cidade em meados da década de 50 era composto por quatro modelos de escolas: isoladas rurais, grupo escolar, ginásio estadual e escola de língua japonesa e internato.

Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no doutorado e apresenta a caracterização do corpo discente do Grupo Escolar “Padre Anchieta”. Busca compreender as mudanças nas práticas que compõem as “culturas escolares”, após o ingresso dos alunos japoneses e descendentes no Grupo Escolar “Padre Anchieta”, no período de 1934, ano do início de funcionamento do grupo escolar, a 1976, ano da última turma matriculada, antes da reorganização das escolas, devido à Lei de Diretrizes e Bases 5692/1971.

No interior de cada escola, existe uma cultura que pode ser considerada peculiar a elas, mas não lhes é restrita, uma vez que essa cultura se relaciona com outras práticas culturais mais amplas da sociedade. Daí afirmar que a sociedade produz a escola e é também por ela produzida, ou seja, os saberes da sociedade perpassam a escola e vice-versa. Entendemos a noção de cultura

escolar de acordo com Dominique Julia:

Poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (JULIA, 2001, p. 10).

Viñao Frago (1995, p. 70) também contribui para o entendimento e análise da cultura escolar na medida em que assegura que essa cultura diz respeito às formas de organização, valores, saberes, estratégias e diferentes práticas estabelecidas e compartilhadas no interior das escolas por todos os sujeitos envolvidos nas atividades específicas de natureza escolar, sejam elas realizadas por alunos, professores, outros profissionais da escola, ou até mesmo pela comunidade. O autor considera que as acepções para o termo são diversas, assim como são as instituições de ensino.

Para caracterizar o corpo discente e apresentar as mudanças das práticas escolar do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, com o ingresso dos alunos japoneses e descendentes, utilizamos, fontes iconográficas, fontes orais e documentos escritos.

Consideramos que a imagem pode ser uma ferramenta analítica capaz de expressar valores, além de ser um material cultural de uma determinada sociedade.

Essa característica faz com que seu mero aspecto ilustrativo seja ultrapassado, o que permite pensar em suas configurações históricas e sociais de produção. Segundo considerações de Barros,

[...] a imagem é sempre um monumento, produzida por subjetividade que lhe dá a veste de real e que, para ser trabalhada enquanto linguagem, com a especificidade de um discurso: de que a imagem é sempre produzida socialmente, articulando sua dimensão físico-química (hoje também computadorizada) com a produção de idéias e valores, de uma estética e de uma ética [...]. (BARROS, 1992, p. 81).

O entrelaçamento das diversas fontes orais com as imagens permitiu a interpretação das memórias e suas imagens. Segundo, por si mesmas, interpretar seus significados, atribuir-lhe valor estético, compreender suas representações sociais, descrever seus espaços de sociabilidades comportamentos subjacentes, identificar seus personagens, tudo isso obriga aos estudiosos das imagens do passado o recurso a outras fontes de informação. Dentre estas, o relato oral, quando possível, é o que mais se acomoda às tramas da memória (MAUAD, 2004 p. 21).

Os depoimentos foram recolhidos em forma de narrativa de vida e história social de diversas pessoas, dentre elas: moradores locais, professores, ex-alunos e funcionários das escolas. A escolha

desses sujeitos está ligada ao fato de trazerem, para a pesquisa, experiências profissionais e memórias vinculadas à escola e ao contexto sócio-político-econômico e cultural de Pilar do Sul no período histórico selecionado.

Procuramos um número grande de pessoas para recolher os depoimentos. Muitas, porém, não aceitaram e, dentre as que aceitaram, algumas não nos receberam, devido a outros compromissos ou à dificuldade de comunicação pela inabilidade em falar e compreender o português. Conseguimos, contudo, recolher vinte e nove depoimentos.

Tendo em vista o cotejamento de informações entre as fontes, utilizamos a fotografia entrelaçada, principalmente, com fontes orais, sem a exclusão das demais, é importante destacar os livros de atas de reuniões pedagógicas e os livros de matrículas.

Quando analisamos as atas das reuniões pedagógicas, temos a clareza de que estamos lidando com o que Faria Filho (2005, p. 52) denomina como “práticas de prescrição de práticas, ou seja [...] lidando com culturas escolares prescritas do que culturas escolares praticadas no interior das escolas”. Consideramos esse documento importante para poder compreender a dinâmica da política do Estado e como ela é prescrita na escola.

Não encontramos os livros de matrículas de todos os anos referentes ao período investigado. Trabalhamos com dezessete livros (1934 a 1941; 1951 a 1976). Os livros do período entre 1942 e 1950 não foram encontrados. Os livros

de matrícula eram divididos por gênero. Havia um livro que registrava a matrícula das meninas, e outro, a dos meninos. Encontramos informações sobre ano, série, idade, nacionalidade e residência do aluno e a nacionalidade do pai. A partir de 1966, foi possível conhecer também a nacionalidade da mãe. A profissão da mãe só era declarada quando o pai era desconhecido ou falecido.

Não restringimos a análise às matrículas do primeiro ano, mas contemplamos as matrículas de 1ª a 4ª série, pois consideramos que o aluno poderia frequentar alguns anos em uma das escolas isoladas e depois ingressar no grupo escolar.

A partir da análise das fontes, apresentamos neste trabalho algumas facetas da fundação do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, a caracterização do corpo discente, destacando as mudanças com o ingresso dos alunos japoneses ou descendentes.

2 O Grupo Escolar Padre Anchieta

O Grupo Escolar “Padre Anchieta” era a única escola primária na cidade. Sua gênese está na reunião de três escolas antes isoladas – as escolas dos professores Isaura da Costa e Silva, Rita Julia D’Oliveira e Eloy Lacerda. Essas escolas isoladas foram reunidas em 1922 (Dec. 15 de abril de 1922)¹.

¹ As escolas isoladas, quando se tornavam escolas reunidas, passavam a funcionar em um mesmo espaço objetivando a racionalidade das atividades e a divisão do trabalho dos professores.

Na década de 1910 e 1920, o número de escolas reunidas cresceu em todo o Estado de São Paulo, pois eram de baixo custo e possibilitavam a um número maior de crianças em idade escolar terem acesso à escola.

Em 1934 e 1935, Luis Motta Mercier, Diretor do Departamento de Educação, buscou eliminar as escolas reunidas do sistema escolar paulista. Segundo Souza (2009), das 48 escolas reunidas existentes, 42 foram convertidas em grupos, e as restantes foram extintas. Assim, as escolas reunidas de Pilar do Sul tornaram-se Grupo Escolar de Pilar do Sul em 1934 (Dec. de 16 de janeiro de 1934), com 223 alunos matriculados.

Para o Departamento de Educação, a conversão das escolas reunidas em grupo escolar foi apenas uma forma de facilitar as pesquisas estatísticas. Porém, para uma parcela da população local, a conquista de um grupo escolar na cidade tinha uma representação simbólica que significava não só a melhoria do ensino, mas também a chegada do progresso para a cidade. A instalação do grupo escolar era considerada importante principalmente pela elite pilarense, já que para a maioria da população local o grupo escolar não tinha muito apelo; o que interessava à maior parte das pessoas era, em primeiro lugar, o trabalho. Se os filhos aprendessem a ler, escrever, contar e calcular já estava de bom tamanho.

Em 1940, o Grupo Escolar de Pilar do Sul passou a ser denominado de Grupo Escolar “Padre José de Anchieta”

e contava, então, com 134 alunos matriculados.

O prédio do Grupo Escolar “Padre Anchieta” foi construído em um período em que a imponência da arquitetura escolar das instituições públicas começava a sucumbir pela falta de recursos. Fundamentada nos princípios da racionalidade financeira e técnica, as políticas de construções de prédio previam o máximo de aproveitamento do espaço, o que resultava frequentemente em construções econômicas de traçados simples e sem muita imponência. No final do século XIX e começo do XX, os grupos escolares começaram a ser implantados no Estado de São Paulo no bojo do projeto republicano e representavam inovações na organização administrativa, pedagógica e arquitetônica, concebidas na “racionalidade científica” e na “divisão do trabalho”. Segundo Souza,

Esta modalidade de escola primária foi implantada, pela primeira vez no Brasil, no estado de São Paulo em 1893 e correspondeu, na época, a um novo modelo de organização administrativo-pedagógico da escola primária com base na graduação escolar – classificação dos alunos por grau de adiantamento – no estabelecimento de programas de ensino e da jornada de aula em um mesmo edifício-escola para atender a um número de crianças, na divisão do trabalho e em critérios de racionalização, uniformidade

e padronização do ensino. (SOUZA, 1998, p. 104).

Com a implantação gradual dos Grupos Escolares, iniciou-se a construção de edifícios próprios para o funcionamento de escolas públicas em substituição às escolas isoladas.

Nesse período, os edifícios escolares possuíam uma arquitetura monumental e majestosa, com a finalidade de enaltecer a ação do poder público

e conseqüentemente o novo regime, a República.

O edifício do Grupo Escolar de “Padre Anchieta” possuía linhas mais modestas e uma arquitetura pautada no máximo aproveitamento do espaço e higiene, com formas singelas e poucas salas se comparado com prédios escolares de outros lugares e tempos, porém, para a cidade de Pilar do Sul, ele representou o progresso e a grandeza do povo pilarense.



Figura 1 – Prédio do Grupo Escolar “Padre Anchieta” na década de 50.

Fonte: Arquivo da E. E. “Padre Anchieta”.

Uma característica desse prédio era a simetria dos espaços que demarcavam a separação entre os gêneros. Salas para meninas e entrada pelo lado esquerdo e sala para os meninos e entrada pelo lado direito. Com exceção do pátio que era comum, no qual havia uma divisão imaginária que meninos e

meninas não se atreviam a ultrapassar. Esse era um requisito de natureza moral e social que condicionou a disposição arquitetônica e as práticas escolares.

3 Corpo discente

Analisando as Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar “Padre

Anchieta”² podemos destacar evidências da organização pedagógica, dos espaços e do tempo do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, e como essa organização era utilizada para a disciplina dos alunos, tendo em vista uma formação com princípios morais, cívicos e patrióticos considerados ideais.

Segundo orientações feitas aos professores encontradas nas Atas das Reuniões Pedagógicas, o tempo era administrado com regras rígidas. Os alunos, ao soar do primeiro sinal, deveriam se organizar por tamanho (do menor para o maior) em filas no pátio da escola e esperar pelo professor em silêncio; ao soar do segundo sinal, o professor conduzia o grupo de alunos para o culto à bandeira ou para a sala de aula. O culto à bandeira, conforme ordens do diretor, acontecia diariamente ou apenas aos sábados. Os alunos que chegassem atrasados eram impedidos de entrar. Ao final das aulas, após a Oração à Bandeira, eram conduzidos, em filas, até o portão de saída.

O culto à bandeira era um momento no início da aula em que os alunos cantavam o Hino Nacional, entre outros hinos, como da Independência e da Bandeira, dependendo do diretor. Quando o culto à bandeira acontecia aos sábados, nos outros dias, no início das aulas, os

alunos em suas salas aprendiam cantos e poesias diversas.

Quanto à entrada dos alunos, estes formarão a fila no pátio onde recitarão a Oração à Pátria e cantarão em conjunto os hinos. Quanto a saída, cada professor em sua classe fará juntamente com os alunos a Oração a Bandeira, para consolidação e aumento do amor e respeito à Pátria. (ESCOLA..., 1957, p. 3).

Segundo depoimento de Eunice Mendes³, ex-aluna do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, as diferentes turmas eram organizadas em filas e conduzidas pela professora ao pátio da escola para entoar o Hino Nacional, da Independência, da Bandeira entre outros. Apesar da seriedade do momento e rigidez das regras, as alunas sempre encontravam alguma forma de fazer algumas brincadeiras, tais como cantar o hino errado, cutucar o colega, paquerar os meninos, entre outras brincadeiras, e por isso sempre sofriam represálias.

Notando indisciplina nas filas, pediu a Sra diretora aos professores que fizessem recomendações aos alunos para comportarem na formação das mesmas e recomendar ainda o bom comportamento das crianças na rua. Deverá cada

² Livro Ata das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar “Padre Anchieta” dos seguintes anos: 1939 a 1942; 1943 a 1947; 1951 a 1953; 1952 a 1953; 1956 a 1958; 1963; 1966 a 1969; 1969 a 1972.

³ Eunice Loureiro Mendes, nascida em Pilar do Sul, foi aluna do Grupo Escolar “Padre Anchieta”. Depoimento concedido em janeiro de 2012.

professor organizar um quadro de honra com nome dos alunos que destacarem pelo bom comportamento, aplicação e assiduidade, que colocará em lugar bem visível na classe (ESCOLA..., 1958, p. 10).

Outra forma de disciplinamento era o uniforme escolar que, de acordo com a Ata da Reunião Pedagógica de 1953 e 1957, junto com depoimentos recolhidos de ex-alunos, era verificado todos os dias. Verificava-se se os alunos estavam com o uniforme completo e limpo; caso estivesse faltando alguma peça do uniforme, os pais eram comunicados e, se o caso se repetisse, o aluno era impedido de frequentar as aulas naquele dia.

Os professores devem ter o máximo cuidado com os uniformes dos alunos, verificando, se possível todos os dias, se não se apresentam sujos, rasgados, sem botões etc. (ESCOLA..., 1953, p. 36).

Em 1957, o uniforme era composto de saia azul marinho com pregas, para as meninas, ou calça para os meninos, blusa branca com bolso bordado com as iniciais do grupo e a lista correspondente aos anos de adiantamento em azul, sapatos pretos e meias brancas. Podemos observar o uniforme feminino na foto a seguir:



Figura 2 – Menina vestida com uniforme do Grupo Escolar “Padre Anchieta”.

Fonte: Arquivo pessoal família Takahashi

A maioria dos alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta” era constituída de brasileiros, porém o total de descendentes de outra nacionalidade chegou a 10% em 1941 (as nacionalidades contempladas foram a húngara, portuguesa, italiana, espanhola, alemã, russa, síria, tcheca, inglesa e austríaca), enquanto que descendentes de japoneses são registrados pela primeira vez em 1951 e chegam a 20% em 1963, mantendo a média até o final do período estudado. Em todo período investigado, 89% dos pais eram 9,9% japoneses e 0,8% de diferentes nacionalidades. Consideramos importante destacar que, apesar de a figura 3 registrar a presença dos descendentes de japonês a partir de 1951, segundo

o depoimento do ex-aluno Nagahama, desde 1945 seus irmãos frequentavam o Grupo Escolar “Padre Anchieta”. Con-

tudo, como registramos anteriormente, não encontramos os livros de matrícula do período entre 1942 e 1950.

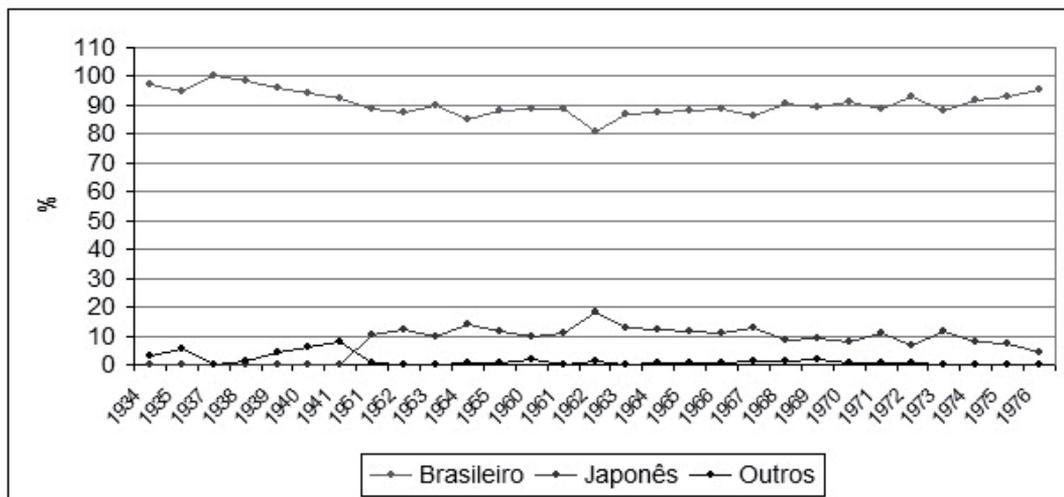


Figura 3 – Nacionalidade dos pais dos alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta” (1934-1976).

Fonte: Elaboração própria baseada nos registros dos Livros de Matrículas do Grupo Escolar “Padre Anchieta”

Observamos na figura 4 que os alunos matriculados no grupo escolar entre 1934 e 1951 declaravam que moravam em Pilar do Sul, sem definir a região ou o endereço na cidade, o que foi identificado na figura como indefinido. A partir de 1952, a maioria dos alunos, um total de 60%, residia no centro da cidade, enquanto que o número de moradores do subúrbio (bairros Campo Grande, Peixinho e Santa Cecília) come-

çou a crescer, chegando a 39% em 1975. Podemos observar que a média em todo período é de 22% de moradores na zona rural; destacamos também que os alunos moraram no internato a partir de 1962. No período investigado, 10% declaravam como moradia “Pilar do Sul” (que classificamos como “indefinido”), metade da população morava no centro, 22% no subúrbio, 19,4% na zona rural e 0,9% no internato japonês.

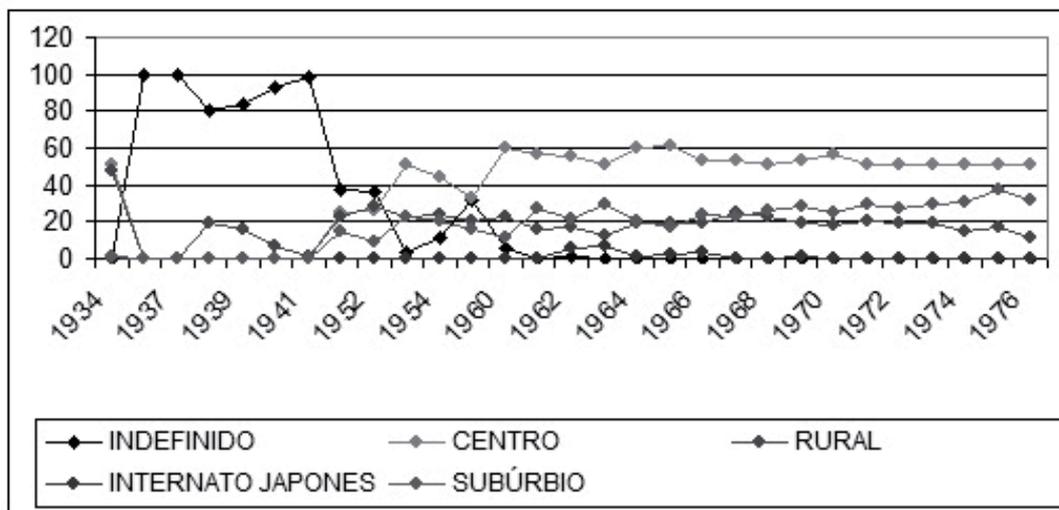


Figura 4 – Percentual de alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, por local de residência (1934-1976).

Fonte: Elaboração própria baseada nos registros dos Livros de Matrículas do Grupo Escolar “Padre Anchieta”

Cerca de 72% dos pais moravam na cidade (centro e subúrbio), e a maioria trabalhava principalmente como lavrador, 48%, mas havia também comerciantes, 9,6% e os demais prestadores de serviços. Os pais que se declararam operários, 5,4%, trabalhavam na Usina Batista, na Usina Jorda Flor e nas serralherias da cidade. As profissões

que apareceram menos de cinco vezes foram denominadas como “outros”. Enfatizamos informações do pai, uma vez que nos livros de matrícula só havia informações da profissão da mãe quando o pai era desconhecido ou falecido. A partir de 1966, houve alguns registros de informações sobre a profissão do pai e da mãe.

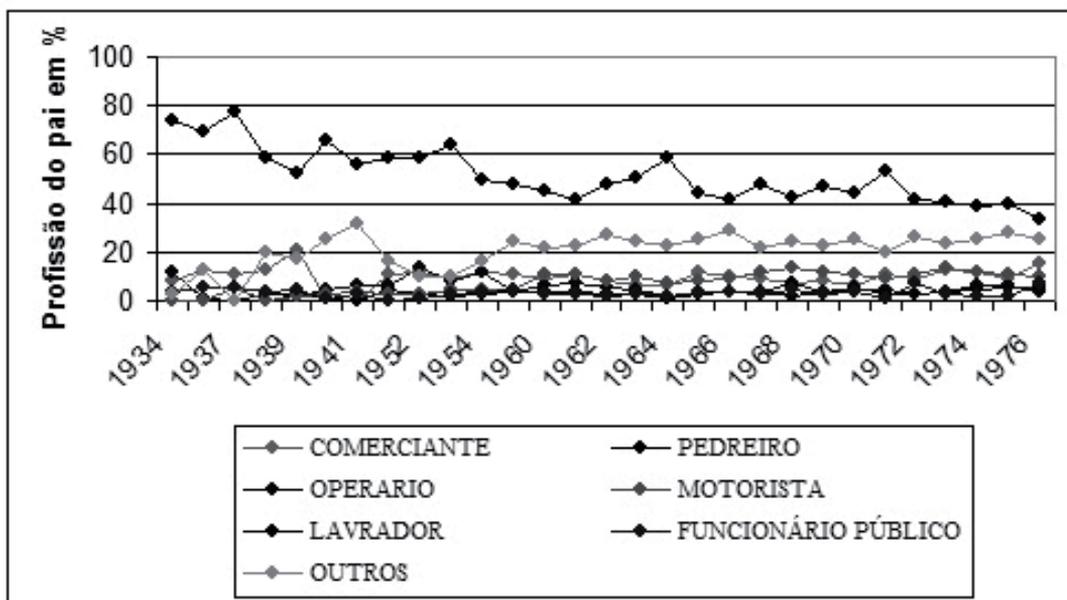


Figura 5 – Profissão dos pais dos alunos

Fonte: Elaboração própria baseada nos registros dos Livros de Matrículas do Grupo Escolar “Padre Anchieta”

Analisando os Livros de Matrículas, podemos considerar que os alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta” eram, em sua maior parte, brasileiros e, quando descendentes de outra nacionalidade, a maioria era japonês. A maior parte morava na cidade, o que facilitava a frequência ao grupo escolar, e a maioria dos pais trabalhava na lavoura.

No conjunto de fontes reunidas, encontramos algumas fotografias de classes escolares. As fotografias escolares, como adverte Souza (2001), foram muito difundidas a partir do início do século XX. A esse gênero fotográfico “vincula-se a disseminação do valor social da escola na sociedade brasileira

[...] por meio da qual, a turma de alunos corresponde à classe, à série, cujo encerramento do ano letivo compreende um momento digno de ser registrado e recordado” (SOUZA, 2001, p. 79).

O conjunto de fotografias de classes escolares aqui analisado se refere às décadas de 1950 e 1960 e pertencem ao arquivo pessoal da professora Eloisa Cruz Proença⁴. Elas trazem flagrantes da história de vida da professora Eloisa como aluna, professora e diretora do Grupo Escolar “Padre Anchieta”.

⁴ Eloisa Cruz Proença, ex-aluna, foi professora e diretora do Grupo Escolar “Padre Anchieta – documentos e depoimentos concedidos 2012.

Todas as fotografias foram tiradas ao ar livre, em frente do prédio escolar, com exceção da figura 06, em que não identificamos o cenário de fundo. São fotografias pousadas. Para possibilitar o enquadramento, os alunos são organizados em fileiras, acompanhados do professor e, às vezes, do diretor.

Segundo Souza (2001, p. 88), as fotografias de classes expressam a ordem escolar, a estrutura dos grupos escolares, a hierarquia e a racionalidade da divisão das escolas. O conjunto de fotografias a

seguir revela o movimento da ordem escolar no Grupo Escolar “Padre Anchieta”, e como a ordem escolar foi se modificando durante a década de 1950 e 1960.

As fotografias da década de 50 sugerem serenidade, disciplina e obediência. As crianças estão sérias, poucas emitem um sorriso discreto, as pernas estão juntas e os braços próximos ao tronco, demonstrando o disciplinamento dos movimentos e a seriedade, comportamentos aprendidos diariamente na escola.



Figura 6 – Turma de alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta” juntamente com professor e diretor, década de 1950

Fonte: Arquivo pessoal professora Eloisa Cruz Proença

As fotografias do final da década de 60 revelam o início de mudanças na ordem escolar, demonstrando um pouco mais a espontaneidade da infância. Apesar da disciplina e da ordem imposta, os sorrisos são espontâneos e a alegria da infância se revela. Outra evidência do início de mudança na ordem escolar está

no uniforme registrado nas fotografias. Há meninas de calça comprida, o que, de acordo com as Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e depoimentos de ex-alunos era proibido, uma vez que o uniforme das meninas era composto por saia e camisa.



Figura 7 – Turma de alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, junto com a professora, final da década de 1960

Fonte: Arquivo pessoal professora Eloisa Cruz Proença



Figura 8 – Turma de alunos do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, juntamente com a professora, final de década de 1960

Fonte: Arquivo pessoal professora Eloisa Cruz Proença

As fotografias de classe expressam o comportamento permitido na escola, ou seja, o comportamento desejável. As fotografias revelam a presença dos japoneses ou descendentes nas classes do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, submetidos, portanto, aos mesmos padrões morais, normas e regras de comportamento dos alunos brasileiros.

4 Os alunos japoneses e descendentes no Grupo Escolar “Padre Anchieta”

As crianças japonesas ou descendentes que moravam mais próximas

da cidade começaram a frequentar o Grupo Escolar “Padre Anchieta” a partir de 1946. A matrícula dos japoneses nisseis e sanseis⁵⁵ aumentou a partir de 1962, com a fundação da Escola de Língua Japonesa e Internato, que permitiu às crianças que moravam nas colônias mais distantes frequentar o grupo escolar desde o primeiro ano ou apenas o quarto ano, pois, nas escolas isoladas, os

⁵⁵ Descendentes nascidos no Brasil. Usa-se “nissei” para designar o(a) filho(a) do imigrante (2ª geração no Brasil) e “sansei” para se referir a netos do imigrante (3ª geração no Brasil).

estudos progrediam até o terceiro ano primário. Podemos observar na figura

9 o aumento de matrícula dos alunos descendentes de japonês em 1962.

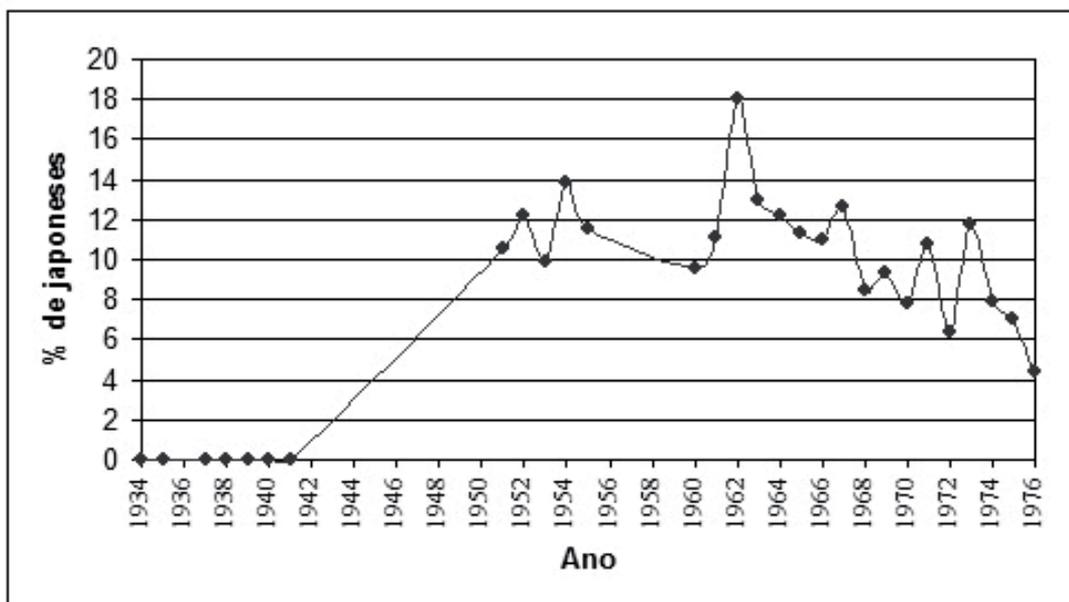


Figura 9 – Percentual de matrícula de alunos japoneses ou descendentes no Grupo Escolar “Padre Anchieta”

Fonte: Elaboração própria baseada nos registros dos Livros de Matrículas do Grupo Escolar “Padre Anchieta”

As famílias japonesas ou de descendentes valorizavam a educação e se preocupavam com a educação dos filhos. Era uma preocupação trazida por aqueles que viveram a Era Meiji, que dava prioridade à educação. Essas famílias priorizavam o modelo japonês, mas consideravam importante que as crianças frequentassem as escolas nacionais, já que estavam vivendo no Brasil.

Como a prioridade era a educação nos moldes japoneses, a criança aprendia primeiro a língua japonesa.

Assim como os alunos japoneses das escolas isoladas, os do Grupo Escolar tinham um vocabulário muito restrito em português, o que dificultava a aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa e principalmente o processo de alfabetização. Essa situação gerava preocupação nos professores, pois todo aluno deveria concluir o 1º ano primário alfabetizado.

Os professores se utilizavam de castigos físicos para corrigir os erros dos alunos, fossem eles de conduta, moral,

ou aprendizagem. Os alunos japoneses ou descendentes eram chamados pelos professores de “olhos puxados”, “cara chata”, o que acabava incentivando as brincadeiras e xingamentos entre as crianças.

Os alunos japoneses e descendentes sofriam com a repressão dos professores e com as brincadeiras dos demais alunos, que não era reprimida pelos professores. A ex-aluna Helena Silva, do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, descreveu em seu depoimento uma situação na qual os alunos debochavam de um aluno descendente de japoneses:

Quando eu estudava, no grupo escolar tinha dois irmãos, Jorge Kaque e Mario Kaque. O Mario Kaque estudava na minha sala e sempre falavam para ele Mario cagado, Kague, cagado (DEPOIMENTO SILVA, 2011).

Esse trecho do depoimento de Silva revela uma das brincadeiras que os alunos faziam. As brincadeiras em forma de deboche com os alunos japoneses ou descendentes eram frequentes. Os ex-alunos japoneses ou descendentes declararam que não gostavam das brincadeiras, que sofriam com os castigos impostos pelos professores e, por isso, preferiam frequentar as atividades da escola japonesa, a frequentar as atividades do grupo escolar.

Eu não gostava de ir na escola, apanhava muito da professora. Eu não sabia falar, até hoje não sei direito. Apanhava dos professores porque não sabia ler e

porque às vezes brigava com os outros alunos que ficavam me xingando de cara chata (DEPOIMENTO YAMASAKI, 2011).

A escola primária, desde o início da República, era revestida de um caráter nacionalista, valorizando a formação moral e cívica e tendo em vista o disciplinamento e a formação do cidadão. O Grupo Escolar “Padre Anchieta” e as escolas isoladas rurais de Pilar do Sul tinham sua organização e suas práticas norteadas por essa política nacionalista, uma vez que eram consideradas como um espaço da cultura, capaz de ser um agente transformador de moralização e civismo.

Com o ingresso dos alunos japoneses e descendentes, as ideias de moralização dos costumes, hábitos de higiene e principalmente de civismo e amor à pátria são assumidas como fundamentais pela organização pedagógica, norteadas pelas práticas das escolas primárias. Os imigrantes japoneses eram vistos como uma ameaça e eram os principais alvos no ensino da educação moral e cívica, pois eram estrangeiros com costumes e tradições peculiares que enalteciam o Japão.

Tendo em vista as peculiaridades das colônias que faziam questão de manter as tradições japonesas, o preconceito contra os japoneses e o caráter nacionalista que norteara as práticas das escolas primárias, do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e das escolas isoladas, houve uma reorganização dessas instituições com o objetivo de nacionalizar as colônias.

No conjunto de Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e das escolas isoladas rurais, observamos a organização dos tempos, dos espaços e das práticas tendo em vista a moralização, o civismo e o patriotismo, com o objetivo de formar o cidadão e principalmente homogeneizar os imigrantes japoneses na sociedade brasileira.

Essa missão de homogeneizar os imigrantes japoneses era realizada durante as lições da língua pátria, pois as atividades de linguagem oral e escrita se constituíam em uma ação que moldava o comportamento. Falar com “moderação no tom de voz e velocidade de razoável pronúncia”, escrever com correção e letra legível demonstravam uma cultura erudita. As dificuldades dos imigrantes japoneses em falar o português impuseram aos professores novas práticas, principalmente no processo de alfabetização, pois o aprendizado do oral era fundamental para que alfabetização acontecesse. Nas Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo Escolar e Escolas Isoladas, o diretor e professores escrevem sobre a metodologia do ensino da língua pátria, “que está ligada ao ambiente da criança, daí a necessidade do entrelaçamento entre Escola e Família nas reuniões mensais da Associação de Pais e Mestres; que a metodologia da Língua Pátria estava dividida em áreas: Leitura, Linguagem oral e Escrita” (ESCOLA..., 1964, p. 16). O ensino de geografia e história do Brasil, engrandecendo as riquezas, os personagens históricos,

conhecendo a cultura, as tradições por meio das festas cívicas e rituais.

A formação do espírito cívico patriótico era o eixo central das práticas do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, permeando todas as disciplinas do programa que, em 1941, era composto pelas seguintes disciplinas: Linguagem oral e escrita, Aritmética, Geometria, Geografia e Cartografia, História, Instrução Moral e Cívica, Ciências, Trabalhos Manuais, Música e Ginástica e Desenho.

5 Algumas práticas escolares

O que ensinar e como ensinar em cada matéria são orientações presentes nas atas das reuniões pedagógicas. Os exercícios eram um dos componentes importantes na metodologia de ensino.

No horário das disciplinas, a Linguagem e a Aritmética ganham um espaço prioritário, com uma carga horária maior e especificações:

Circular nº 5 de 1941 sobre o horário: segundas, quartas e sextas-feiras a primeira hora que é consagrada ao ensino de Linguagem, o professor seguirá somente, a hora pedagógica a qual deve ser preenchida com Leitura, Linguagem oral e escrita. Nas terças e quintas-feiras nessa mesma primeira hora os alunos farão leitura em livro classe, seguida de crítica e correção. Na segunda hora destina a Aritmética e Geografia, o professor deve fazer um trabalho de coordenação, exercício com

assunto tratado na Linguagem anterior. Ensino da Aritmética deve ser todo de coordenado com as demais matérias como Geografia, História, Ciências que devem ser objetivas e ilustradas (ESCOLA..., 1941, p. 16-17).

Nas Atas das Reuniões Pedagógicas e nos depoimentos de ex-alunos e professores, podemos observar a preocupação com a aprendizagem da língua pátria, devido à forma como a população local falava e principalmente devido à presença da imigração japonesa, que tem muita dificuldade de falar o português e, traz, inevitavelmente, estrangeirismos para o idioma. As atividades de linguagem oral e escrita se constituíam em uma ação que moldava o comportamento. Falar com “moderação no tom de voz, velocidade de razoável pronúncia”, escrever com correção e letra legível são demonstrações de uma cultura erudita, e o grau de cobrança aumentava conforme a criança avançava nos estudos.

Metodologia da Língua Pátria, foi objeto de um curso de férias freqüentado pelo senhor diretor, iniciando sua exposição, disse o senhor diretor: que a língua pátria está ligada ao ambiente da criança daí a necessidade do entrelaçamento entre Escola e Família nas reuniões mensais da Associação de Pais e Mestres; que a metodologia da Língua Pátria estava dividida em áreas: Leitura, Linguagem oral e Escrita. Quanto à leitura

disse que ler é pensar é compreender é reagir é integrar-se que a leitura silenciosa é a mais importante, mais usada, mais proveitosa, mais rápida e mais compreensiva; que a leitura tem duas espécies: Básica e Funcional; na Leitura Básica a criança aprende a ler e na leitura Funcional ela se informa estuda e é recreativa. O objetivo principal da leitura é a compreensão do que se lê e o professor deve dar independência e capacidade ao leitor para empreender o que lê; consciência ao leitor para compreender o que lê; formar o leitor crítico que avaliar a leitura formar bons hábitos de um bom leitor. A seguir explicou os fatores que interferem na leitura normal; as habilidades para compreensão de leitura: 1) selecionar e compreender as idéias principais; 2º observar a sequência dos fatos; 3º guardar os pormenores importantes; 4º avaliar o que foi lido e 5º antecipar as idéias da leitura. Deu a seguir uma sugestão para um plano semanal de aulas de leitura: 1º motivação e vocabulário; 2º leitura silenciosa e comentário, 3º leitura oral; 4º atividades relacionadas; 5º atividades de enriquecimento; 6º aplicação. Continuando disse que o livro de leitura deve ficar em classe, as lições devem ser interessantes e oportunas, bem preparadas; e o plano

de aulas semanais é flexível. Quando a Linguagem oral disse que é um processo de socialização da criança de ajustamento da criança na casa, na escola e na sociedade; é fator importante na leitura, na ortografia e na composição. Seu objetivo é habituar a criança a falar com clareza, simplicidade e espontaneidade e usar bons hábitos sociais de conversação. Seu conteúdo deve ser o ambiente próprio da criança no lar, na escola e na sociedade. Seu desenvolvimento deve ser através de atividades de audição de conversação de discussão de telefonemas, estórias, de histórias, de pantominas, de dramatizações, de poesias e de côro falado, seguindo-se o programa oficial do curso primário (ESCOLA..., 1964, p.16).

Assim como escrever, ler e falar eram habilidades importantes, a letra legível também o era, por ser uma forma de demonstração de cultura erudita. Por isso, no Grupo Escolar “Padre Anchieta” havia uma atenção especial ao ensino de caligrafia.

o ensino da caligrafia nos diversos graus. Devem ser traçadas as linhas no quadro-negro e dar parceladamente a sentença, depois as palavras e finalmente as letras de modo que a criança observe os movimentos executados e reproduza o que observa. As letras dobradas devem bater na linha de cima e as de

hastes não. Conselhos relativos ao assunto foram lembrados, como o traçado da palavra de uma só vez, sem tirar o lápis, a pena ou o giz (ESCOLA..., 1959, p.14).

A aprendizagem da língua e a alfabetização eram tarefas primordiais da escola e as linguagens oral e escrita deveriam ser cuidadosamente ensinadas dentro dos princípios do método analítico-sintético da Escola Moderna, isto é, do todo para as partes, da sentença às palavras e sílabas, com aulas interessantes, para que as crianças se concentrassem na leitura e na escrita. As instruções sobre como ensinar eram prescritas com detalhes:

Primeiro ano: Na linguagem escrita deve ter a criança principalmente, com o auxílio da linguagem oral, a seqüência lógica das idéias, tendo sempre em vista o pensamento claro. Fazemos isto por meio de exercícios, jogos tendentes à aquisição escrita e oral. Das letras não usamos os exercícios ritmos cantando, no quadro negro e no papel. Entretanto nos exercícios gráficos que visem as formas das letras não se deve ter a preocupação da forma perfeita. Para a correção da pronúncia nunca deixar passar a oportunidade de corrigir as palavras erradas próprias da criança. Devemos dar exercícios para a correção da escrita vencendo as dificuldades de

certas letras ou grupos consonantais. Esses exercícios deverão ser feitos em pauta de pauta dupla. Para alfabetização da criança usamos o as sentenças e das sentenças tira as palavras, as sílabas e finalmente a letras. Esse método é analítico-sintético da Escola Moderna. Como exercícios, usamos cópia de palavras, de sentenças, ordenar; formar e completar sentenças e ditado. Convém notar que para a correção do ditado ser eficiente deve-se fazer na lousa, aluno por aluno, e corrigir momentaneamente. Depois, fazer o ditado na folha de papel, corrigido pela professora. Por último, passado a limpo pelo aluno. Segundo ano: Considerando que a criança no segundo ano inicia-se propriamente dito, na linguagem escrita, o professor deverá ter como objetivo principal a orientação, da criança. Assim sendo, todo trabalho escrito deverá ser muito bem preparado para depois ser executado. Para isso, nada mais prático e objetivo que o sumário. Desenvolver bem a observação da criança fator principal para os trabalhos de reprodução, descrição, narração, formação de sentenças à vista de gravuras. Fazer a criança compreender a necessidade do capricho, da ordem, da limpeza e da caligrafia. Terceiro ano: Levar em consideração o

ambiente e a maturidade do aluno, devemos não esquecer dos fatos em relevância como motivação. Deve-se aproveitar todas as matérias globalizando as atividades. Como fazer os trabalhos escritos: a) não devem ser extensos; b) instruir a classe para que verifiquem os trabalhos estimulando a auto-correção dos mesmos; c) dosagem da matéria a ser ensinada, d) observar execução e ter a cooperação da classe na correção geral, e) seguir três fases: preparo, execução e correção. Quarto ano: O professor deve fazer um apanhado geral do trabalho e deixar o aluno à vontade para desenvolver seu trabalho que assim será uma criação sua. Na correção o próprio aluno recorrerá ao professor. A forma certa deverá ser copiada na lousa e no caderno do aluno (ESCOLA..., 1963, p. 49).

As atividades de leitura eram feitas de palavras, sentenças escritas pelos professores na lousa, evoluindo para os livros de leitura ou para as cartilhas. Era enviada pelo Estado uma lista de livros e cartilhas para que os professores escolhessem no início do ano letivo quais iriam adotar. Deveriam ser escolhidos bons livros que preenchessem todos os quesitos de uma pedagogia moderna de “fácil manuseio e interessante”. Os livros mais utilizados pelos professores no período referente a 1959 e 1963 eram *Caderno de*

Alfabetização, de A. Fagundes, *Primeiras Lições Úteis*, de Abreu Sodré, *Cartilha Caminho Suave*, de Branca Alves de Lima, *Tesouro das Crianças*, de Antonio D'Avila, *Meu Segundo Livro*, de Aracy Hildebrand, *Seleta Escolar*, de Maximo Moura Santos, as Coleções Sodré, de Abreu Sodré, e *Brasília*, de Daisy Brescia.

No Grupo Escolar “Padre Anchieta”, a matemática era a segunda disciplina no horário escolar, e os alunos deveriam aprender os rudimentos das primeiras operações por meio do concreto. A tabuada era considerada um instrumento fundamental, e, no momento de abstração, as situações-problema, partindo do real, eram ideais para crianças do primário desencadearem o raciocínio. Todas as atividades deveriam ser “objetivas e ilustrativas”.

A metodologia em Aritmética partia do mais simples para o mais complexo. O grau de dificuldade iria aumentando conforme os alunos avançavam o conteúdo e a série. Os professores deveriam explicar os conceitos e os exercícios em etapas. O ensino partia do oral, concreto, memorização para abstração e pretendia desenvolver o raciocínio lógico. As situações-problema deveriam ser práticas e atuais, procurando dinamizar o ensino de Aritmética. Para a memorização da tabuada eram utilizados jogos: cartões relâmpagos, relógio (multiplicar e dividir) e escadinha.

Os objetivos do ensino do cálculo no curso primário deveriam obedecer a sete etapas ou fases:

Na primeira fase trata-se da observação, tendo-se a noção de tamanho, peso e quantidade. Na segunda fase inicia-se contagem, mecânica, de memorização. Na terceira fase inicia-se o estudo dos números, composição e decomposição, ou seja, soma e subtração sempre concretizando o ensino. No mês de março o aluno terá, então, a noção da unidade e sua representação gráfica. Na quarta fase já se pode dar noção de dezena, números, pares, ímpares. Na quinta fase pode se dar números ordinais até dez. Na sexta fase ensina-se a numeração romana, horas no relógio e alguns problemas. Na sétima fase tem-se o início da tabuada contando em grupo 2-4-6-8 etc. 1-3-5-7-9 etc. (ESCOLA..., 1963, p. 10).

Considerando o programa vigente no período de 1925 a 1949, o ensino de ciências visava ao desenvolvimento intelectual dos alunos, e introduzido o conhecimento como útil derivado da observação da natureza e dos objetos. O ensino de ciências estava associado aos objetos e à constituição de coleções e museus escolares.

Devido à precariedade de materiais do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, o ensino de Ciências aproveitava a matéria prima da localidade: o meio natural e social em que a escola estava inserida.

Os hábitos de higiene eram cobrados diariamente no Grupo Escolar

“Padre Anchieta” e estimulados para ser multiplicados entre os familiares, por meio das campanhas.

As campanhas tinham como objetivo moldar o comportamento, promovendo uma aprendizagem de mudança de hábitos, estimulando os cuidados com o corpo, tendo em vista um padrão considerado ideal de comportamento e conduta. Elas eram organizadas com frequência durante o ano letivo e promovidas por meio de produções de textos, desenhos e confecção de cartazes. Na semana da criança, as campanhas recebiam um formato mais lúdico, com jogos esportivos, concursos, recitais e peças teatrais. Os temas eram escolhidos de acordo com as observações diárias ou ocorrências na escola ou na cidade e poderiam ser desde “Das mãos limpas”, “Do uso do lenço”, “Da limpeza dos dentes”, “Da cabeça limpa e penteada” até “Contra doenças infantis” ou “Contra a promiscuidade com animais” e “A horta escolar”. O diretor do Grupo Escolar “Padre Anchieta” destacava a importância da horta escolar e que essa deveria ser uma aprendizagem a ser levada para as casas. Ele considerava a “horta de grande necessidade e as suas vantagens, as frutas ótimos alimentos servindo também para refrescar que devem substituir a aguardente”.

As campanhas e demais práticas que tinham como enfoque a saúde vinculavam-se a condutas morais e ao disciplinamento do corpo, tendo em vista um padrão que era considerado aceitável socialmente.

Inseridas nessas práticas de disciplinamento do corpo e de condutas, estavam as aulas de Educação Física. As ideias de construção da nação perpassaram as finalidades atribuídas a matérias como educação física e trabalhos manuais, entre outras.

Na escola primária, as aulas de educação física tinham a finalidade de formação do caráter do educando através dos jogos que deviam ser usados como prêmio ou castigo, no caso dos alunos considerados “desajustados”. O programa da disciplina, em 1963, baseado na psicologia e medicina modernas, constava de quatro itens:

a) ginástica, b) pequenos jogos, c) rodas cantadas e d) correção de atitudes, englobadas num só sistema esportivo generalizado que subdivide-se em 4 etapas: 1) aquecimento, 2) flexibilidade, 3) cran e 4) iniciativa esportiva; que o Aquecimento o nome indica há aquecimento, uma preparação das atividades através de marchas ou danças; que na Flexibilidade, também chamada de Equilíbrio desenvolve-se a dignidade inerente no aluno através de exercícios de flexão; que no Cran desenvolve-se o comportamento individual, a coragem (classe ou caráter) nas competições sem finalidade de disputa e que na Iniciação Esportiva, desenvolve o comportamento social nos jogos coletivos, que cada etapa deve constar de

duas atividades. Continuando o senhor diretor explicou que não se deve dar jogos de futebol às crianças porque o chute atrofia as hepáfises dos ossos do pé; que os jogos devem ser coletivos nunca um aluno contra outro; que não devem dar saltos em profundidade para as meninas, que não se deve fazer exercícios respiratórios pois a respiração deve ser normal; que os jogos e danças são libertação de impulsos que deve ser disciplinada; que a criança que joga educa-se socialmente, educa-se o espírito, combate-se o egoísmo, forma-se o caráter individual e social, forma-se uma sociedade evoluída, que nos jogos, sem falar diretamente à criança errada, corrigir atitudes, físicas, sociais e morais do aluno através de exercícios e conselhos especiais resolvendo-se problemas de pés chatos, andadura, posições em pé ou sentadas na cadeira, desvios de espinha dorsal na cifose, lordose, costas chatas. (ESCOLA..., 1963, p. 5).

O ensino de Geografia tinha como principal objetivo levar a criança à observação e conhecimento do ambiente ao seu redor e da influência do meio sobre a vida do homem, bem como de todos os fatos cósmicos e biológicos que influenciam na vida humana, tais como o solo, o clima, o relevo, as formas de vida vegetal e animal, questões políticas e sociais do país. O ensino não deveria

ser somente um catálogo de fatos; os alunos deveriam estudar as causas que produzem os fenômenos e os fatos geográficos.

O conhecimento do ambiente ao redor acontecia em etapas, começando pelo espaço imediato, carteira, sala de aula, escola, localização geográfica da escola, nome das ruas, descrição do caminho da casa a escola e, gradativamente, a cidade, o Estado e o país.

A Geografia e a História também eram disciplinas que deveriam desenvolver nas crianças os sentimentos de patriotismo e nacionalismo.

O ensino de História se iniciava pelas palestras sobre fatos e atos que despertassem o sentimento de patriotismo e civismo nos alunos. O estudo de biografia de brasileiros considerados ilustres, que fizeram parte de acontecimentos importantes para o país era considerado importante para valorizar os personagens da história e despertar o patriotismo nos alunos. Havia um calendário com datas cívicas, que possibilitavam o conhecimento do fato histórico e das personalidades envolvidas por meio de exercícios, trabalhos, festas e atividades cívicas que eram obrigatórias pelo regulamento da escola primária.

As festas cívicas envolviam os alunos e as famílias, e eram uma forma de inculcar o espírito nacionalista nas crianças e na comunidade local.

As festas e rituais no cotidiano escolar eram práticas que elevavam o caráter da criança, moralizando os costumes e disciplinando as ações. A organização

pedagógica dessas escolas era norteadada pela finalidade atribuída a elas como disseminadoras de sentimentos de amor à pátria; visava-se a um espaço alfabetizador e nacionalizador do imigrante e do trabalhador rural.

6 Considerações finais

A análise evidenciou que a maioria dos alunos morava no centro da cidade, que os pais eram lavradores e que 80% dos alunos eram brasileiros, os alunos japoneses e descendentes chegaram a 20%, após 1962. O aumento de alunos japoneses e descendentes nesse ano é devido à abertura do internato e à legalização da Escola de Língua Japonesa, que facilitava a frequência no Grupo Escolar “Padre Anchieta”, pois 55% dos alunos japoneses ou descendentes residiam na zona rural e, para frequentar o grupo escolar e a escola de língua japonesa, ficavam no internato.

Os pais dos alunos japoneses e descendentes valorizam a frequência das crianças na escola japonesa, para

perpetuar a cultura e consideravam necessária a frequência no grupo escolar para poder viver no Brasil.

O Grupo Escolar “Padre Anchieta” tem sua cultura escolar influenciada pela política de nacionalização empreendida pelo Governo Federal. As escolas assumem finalidades sociopolíticas e culturais durante todo o período estudado: educação integral, formação do cidadão, a moralização e disciplinamento do povo.

Com o ingresso dos alunos japoneses e descendentes, essas finalidades sociopolíticas e culturais tomaram uma dimensão maior, pois a presença do estrangeiro forçou a reorganização escolar, tendo em vista a intenção nacionalizadora e homogeneizadora junto ao estrangeiro, assumindo a finalidade de nacionalizar os grupos de imigrantes japoneses que tinham se instalado em Pilar do Sul, por meio de normas, regras disciplinares, transmissão de saberes, práticas essas norteadas por noções morais, cívicas e patrióticas.

Referência

BARROS, A. M. O tempo da fotografia no espaço da história: poesia, monumento ou documento? In: NUNES, C. (Org.). *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL e MÉDIO “JOSÉ PADRE ANCHIETA”. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1941*. p. 16-17.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1953*. p. 3.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1957*. p. 36.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1958*. p. 10.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1959*. p. 14.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1963*. p. 5.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1963*. p. 10.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1963*. p. 59.

_____. Arquivo escolar. *Ata da reunião pedagógica do Grupo Escolar “Padre Anchieta” e escolas isoladas de 1964*. p.16.

FARIA FILHO, L. M.; GONÇALVES I. A. História das culturas e das práticas escolares: perspectiva e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 01, p. 9-43, jan./jun. 2001.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATA, Maria; ALVES, Nilda (Org.). *A leitura de imagens na pesquisa social*. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortes, 2004. p. 19-36.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998

_____. *Alicerces da Pátria: história da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

_____. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. *Educar em Revista*, Curitiba, PR, n. 18, p. 75-101, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 0, p. 63-82, 1995.

Recebido em setembro de 2015.

Aprovado para publicação em outubro de 2015.